MEU PROFETA

NUNO O DISCO-JOCKEY

Na verdade, em momento algum imaginara que encontraria um vizinho que haveria de me descabelar de todo o dinheiro pelo menos uma vez por semana. O gajo é o Nuno Brito, um puto que começou a ganhar fama como disco-jockey ao tempo em que explorava um dancing na feira do Catetão, em meados da primeira década deste milénio. «DJ Profeta» é o seu nome de guerra.

ESPAÇOS PÚBLICOS

E OS DEPÓSITOS DE LIXO

Devia ser assim nos espaços públicos. Nas praias, por exemplo. É uma vergonha o que se regista no Mussulo, na Ilha, no Cacuaco, no Sarico, aqui mesmo na Chicala. A pequena lagoa de água salgada em frente à nova Marginal de Luanda é um verdadeiro depósito de lixo.

Crónicas da Lambula

OSVALDO GONÇALVES

LIXO NÃO

Na parede do estabelecimento, uma pequena haburgueria do bairro, um aviso, escrito em letras maiúsculas, chama a atenção. Diz assim: "Estimado cliente, é/ Proibido trazer/ Alimentos, lixo e garrafas/ de fora./ Gratos pela/ Compreensão!!!"

O movimento ao princípio da noite é considerável. A maior parte dos clientes compra para levar. São, sobretudo, adolescentes, mas também alguma gente mais graúda. Como à venda só há bebidas em garrafa, o que levam nos saquinhos de plático pretos são apenas hambúrgureres e cachorros-quentes, com todos os molhos ou só com alguns.

Acasa não tem empregados de mesa. Quem vem para consumir ali mesmo, paga a sua despesa – outro aviso também colado na parede diz:"Pagamento/ Pre-pago" – recebe a sua encomenda e senta-se numa das cinco mesas disponíveis.

Em caso de necessidade, pode ir ao banheiro lavar as mãos ou fazer o que lhe aprouver. Como se situa perto de uma paragem de táxis, ouve-se os "lotadores" a anunciarem as rotas dos carros que estão para sair.

O local é bom para o negócio. Cada candongueiro que chega sempre pode trazer mais algum cliente. Alguém que vem esfomeado do trabalho ou da escola, uma mãe com "preguiça de cozinhar". O rapaz da cozinha não pára um segundo e o do caixa não tem mãos a medir. Vale-lhe muito ter um TPA, que permite às pessoas pagarem com cartão multicaixa. Se tivesse que dar trocos a todos, decerto não teria tempo para mais nada.

Mas o que mais chama a atenção é o primeio aviso. Tanto a forma como tem os dizeres distribuídos – "Estimado cliente, é/ Proibido...", o facto de estar todo escrito em maiúsculas, como também pelo conteúdo.

Quem lá for não pode levar alimentos, lixo nem garrafas. Entende-se que seja vasilhame adquirido noutro lugar porque de outra forma teríamos de perguntar o que fariam aqueles que pretendem ir para casa apreciar a sua sandes de salsicha ou de carne moída, com batata-palha frita, cebola e cenoura picadinhas também passadas no óleo quente, tudo afogado em mayonaise e ketchup.

Há mesmo quem peça jindungo, talvez para dar um toque angolano à comida dos kaméricas. Mas, nem sempre há.

- E picante, tem?
- Também não!

Não sabemos se ficaria mal a casa vender também café, galão, leite em copo e magogas. Talvez até sandes de peixe frito com o rabo de fora. E se têm cerveja em garrafa, por que não a copo? Uns copitos de 1/4 de litro de vinho tinto não seriam má ideia. Dava a impressão de estarmos numa daquelas tascas antigas dos musseques. As fubas, farinhas, chuingas, bolachas e fraldas descartáveis ficariam para a cantina do "Mamadou" ali ao lado.

A maka é que, embora comprem, os clientes estão sempre a reclamar por causa dos preços e aproveitam tudo e mais alguma coisa para se lamentar do IVA, quando, se dessem mais um passo, com o mesmo dinheiro gasto num hambúrguer ou cachorro, comprariam o suficiente para uma refeição completa para toda a família.

Assim, nem os cachorritos lá em casa apanham as sobras. Resta-lhes deambular pelas ruas em busca de aguma coisa para matarem a fome.

Mas, voltemos ao aviso. A hamburgueria pede aos "estimados clientes" que não lhe estraguem o negócio nem sujem o estaminé com desperdícios vindos de fora. Agradece, por isso, a sua compreensão.

Devia ser assim nos espaços públicos. Nas praias, por exemplo. É uma vergonha o que se regista no Mussulo, na Ilha, no Cacuaco, no Sarico, aqui mesmo na Chicala. A pequena lagoa de água salgada em frente à nova Marginal de Luanda é um verdadeiro depósito de lixo.

Só que aí não bastaria agradecer a compreensão. Haveria que encontrar formas mais eficazes de chamas as pessoas à razão.

Ecos do Areal

SALAS NETO

MEU «PROFETA» É UM DJ!

Não sei se foi por lentidão, distracção, honestidade a mais ou por tudo isso junto que tal aconteceu, mas só acabei logrando a minha emancipação em termos de habitação quando já tinha entrado para a velhice, aos 55 anos, em 2015, o que se revelaria num gigantesco atraso de vida. Embora agora considere que poderia ter feito algo mais «top» em outro lugar, com os «valores» que apliquei na empreitada, na altura pensava que era o melhor que me poderia ter acontecido nesses particulares. Mais ou menos a meio de 2014, comprara para reconstruir uma dessas casas económicas do tempo do colono na zona das «Cés» do chamado Bairro Indígena, tendo ela me sido entregue protinha para morar em Março do ano seguinte, embora o projecto tivesse ficado pela metade, por falta de cumbu para se edificar o segundo piso. Mas, mesmo assim, o chalé estava a estalar. Até a minha sócia-gerente, que não é lá muito disso, se viu forçada a me lançar um encómio: «Trabalhastes, meu marido, trabalhastes!». Era só alegria, mais alegria. De resto, para quem já estava a dar a volta à cidade em cubicos de renda, um ano aqui, outro ano ali, o caso não era para menos. No entanto, como alegria de preto dura muito pouco, logo comecei a me arrepender pela escolha da rua, entre as várias opções que haviam na mesma área, no que teria sido influenciado por já conhecê-la há séculos. Quer dizer, julgava que já a conhecia muito bem, mas afinal estava é bem enganado. Na verdade, em momento algum imaginara que encontraria um vizinho que haveria de me descabelar de todo o dinheiro pelo menos uma vez por semana. o gajo é o Nuno Brito, um puto que começou a ganhar fama como disco-jockey ao tempo em que explorava um dancing na feira do Catetão, em meados da primeira década deste milénio. «DJ Profeta» é o seu nome de guerra. E era assim: sempre que o rapaz tivesse alguma actividade em agenda, ensaiava o equipamento, colunas na rua, muitas vezes no meu próprio passeio, para me dar mais raiva, com o volume ao máximo, sem querer saber de nada, os vizinhos que se lixassem. Quando não fosse isso, saía uma ou outra barulhenta «sentada». Assim que o «DJ Profeta» entrasse em cena, o meu chalé, defronte ao dele, tremia todo. Chamei a polícia do bairro algumas vezes, mas essa quase nunca surgia. Diziam que o miúdo tinha cunha do próprio comandante da esquadra. E tinha sim-senhor: eu cheguei a discutir com esse tal chefe que dava cobertura à anarquia. Uma vez, só depois de muita pressão dum meu irmão tenente-coronel, é que surgiria um patrulheiro: levou o computador do rapaz. Mas, afinal, era tudo da pimpa: menos de meia hora mais tarde, lá vinha o «Profeta» a exibir triunfantemente o aparelho que a caingagem havia acabado de confiscar. Me sabularam que o gajo gasosara menos de dez paus para libertar o equipamento. Os rapazes que sambavam com ele bateram palmas, a kizombada recomeçou e eu tive que enfiar a viola no saco, escandalizado com aquele show de impunidade. Ah, quando chegasse Dezembro, é que o puto Nuno virava já mesmo o puro rei do pedaço. Como o rapaz celebra o seu aniversário a 24, fazia questão de promover uma bruta boda de rua na noite da consoada, com colunas gigantes, jogos de luzes e tudo, bué de maralha e muita luandina. A vizinhança ficava bem contente. Afinal, sempre era uma oportunidade rara para se encher a pança de «conchas» grelhadas, empurrar umas valentes birinaites e dançar kuduro até cair a borliu. Tanto é assim que quase fui enxotado da rua, após anunciar que haveria de fazer tudo para impedir balbúrdias diante da minha casa. «Por que é que o kota Salas, para evitar problemas, não vai mbora passar o natal com a sua filha, lá na centralidade? É melhor!», me aconselharia alguém próximo, já não sei se o comandante Chico Groi ou se o Ti Perdido, o nosso «general foge-a-tempo». Não cheguei a dar o lengueno, mas, analisando bem a correlação de forças e diante do largo apoio popular de que o homem desfrutava, acabei por suportar a tortura em claro, encolhido no meu cantinho. Nos bairros, o anormal vira normal: o careta era eu. Chegados aqui, o pessoal pode estar a pensar que eu e o puto Nuno temos uma relação de inimizade tipo «cão e gato». Nada disso. Demo-nos bem e até quase ficamos sócios num projecto cultural que idealizamos, o «Sarrabulho do Profeta». Assim que o gajo desligasse os equipamentos, o conflito entre nós terminava como que num passe de magia. Aliás, desde há um mês que acabou em definitivo: disputas ou acertos familiares à volta do chalé em que vivia «a la gardé» há mais de dez anos forçaram o «Profeta» a ir cantar fados para outra freguesia, creio que ao Morro Bento. O engraçado é que, embora não me ponha aí a chorar, a saída do bairro do puto Nuno, o «Nguimbola», também não me dá razões para exultar de alegria, ainda que tenha significado o buscado fim da minha luta contra os seus poluidores decibéis. Há um manifesto sentimento de orfandade no seio da comunidade, devido a uma certa «paz a mais», como diria o outro. No fundo, ele emprestava muita alegria à rua, tendo algumas das suas façanhas me servido de inspiração para cuiosas crónicas. Mais: é ele o verdadeiro criador da denominação da mítica «Placa dos Traiçoeiros». E só por isto o gajo já devia merecer alguma distinção. Um momento: aqui está já a minha, ora!